

I

A língua como produção do homem

O homem produz coisas, simples e complexas, com materialidade e sem materialidade. Mas nem sempre foi assim. No começo – e este começo, ao que se presume, ocorreu várias vezes, em espaços, tempos e ritmos diversos – o homem mal se diferenciava dos animais. Como estes, coletava sua comida, servia-se dos abrigos naturais e se reproduzia, sem mesmo dispor de habilidades instintivas de espécies geneticamente sedimentadas ao longo de incontáveis milênios – os castores, por exemplo. Mas foi exatamente esta *instabilidade cultural*, se assim pode ser chamada, que o destacou do mundo puramente animal e lhe deu condições de evoluir e progredir.

Desta forma, ultrapassada a barreira da simples coleta de alimentos e dos sinais funcionais elementares –

o grito de dor, de alerta etc. —, o homem começou a usar a natureza reordenando-a, em vez de simplesmente aceitá-la no que tinha de útil. A pedra foi quebrada e, assim, melhorada. Os sinais funcionais elementares foram diversificados e sofisticados. Da pedra chegou-se ao avião, ao foguete, à nave interplanetária. Dos sons guturais à língua perfeitamente organizada. Os exemplos poderiam multiplicar-se quase infinitamente.

Em resumo, o homem produziu e produz coisas. Esta produção engloba desde instrumentos e objetos que praticamente ficam restritos à pura materialidade física até modelos comportamentais, visões de mundo e construções matemáticas que dela nada possuem (o que não quer dizer que a ela não estejam referidas, pelo contrário).

Entre estas coisas que o homem produziu e produz está o *símbolo*, que ocupa um lugar específico no espaço que vai da pura materialidade à mais elevada abstração desta. Este lugar específico é consequência do fato de ser o símbolo, por definição e como a própria palavra o indica,²² uma produção humana composta de duas partes distintas e inseparáveis, sendo uma de natureza material e a outra de natureza imaterial. Um símbolo, portanto, é formado por *algo físico* (ou material) que carrega consigo, ou em si, um *sentido* não físico (ou imaterial).

Por sua vez, os símbolos podem ser divididos em simples e complexos, fixos e variáveis, unívocos e plurívocos etc., segundo a natureza da relação entre as duas

²² Do grego συνβαλλω = lançar junto.

partes que os compõem. Outra divisão poderia ser a que levasse em conta a *importância* maior ou menor de uma das partes componentes. Estas questões não serão tratadas aqui.

Para o objetivo perseguido neste ensaio é necessário apenas – e suficiente – provar que, estabelecida a definição, toda palavra é um símbolo no qual a parte material é o som ou o conjunto dos sons – o chamado *significante* – e a imaterial a coisa referida – o chamado *significado*. Como esta prova é desnecessária por evidente, conclui-se que toda língua é um conjunto mais ou menos amplo de *símbolos sonoros convencionados*. Em outras palavras, símbolos cujos sons, em princípio, referem-se sempre às mesmas coisas. Desta forma, o que está na base da função exercida por uma língua em uma comunidade humana é seu caráter de *convenção*.